

VISUAIS

# O esplendor da Amazônia na lente de Arthur Omar

Artista edita em livro imagens de sua aventura, realizada em quatro viagens à região

FERNANDO OLIVA  
 Especial para o Estado

Depois do carnaval brasileiro e da guerra no Afeganistão, o artista brasileiro Arthur Omar volta suas incansáveis lentes para a Amazônia. Mais uma vez, trata-se de um projeto nada modesto, a começar pelo título do livro, lançado pela Cosac & Naify: *O Esplendor dos Contrários – Aventuras da Cor Caminhando sobre as Águas do Rio Amazonas* (208 págs., bilíngüe, R\$ 89). Segundo ele, o objetivo da obra é o mesmo que persegue há três décadas: renovar a iconografia brasileira, desautomatizar os discursos viciados, as grades retóricas e conceituais impostas pela mídia e que se inter-

põem entre nosso olhar e a realidade. “Quero reinventar a percepção sobre estes objetos, desmontar as poderosas figuras narrativas que embotam a visão”, defende o artista.

O novo livro é uma tentativa de descobrir novas maneiras de ‘dizer a Amazônia com imagens’, para dar ao espectador a

chance de vivenciar uma experiência inédita de contato com a floresta, seus mitos e o poderoso imaginário que a envolve. Textos do próprio artista, oscilando entre o documental e o poético, vão ladeando um percurso de imagens insólitas, às vezes assustador e sinistro, construído de árvores, galhos, terra, rios, barcos, homens e animais.

Contudo, as palavras aqui não vão a reboque, mas funcionam para ampliar o sentido das imagens. “Olho o Rio Amazonas, através da câmera, e a primeira coisa que me vem à cabeça é Moby Dick. Preciso de um verde que equivalha cromaticamente a uma caça à baleia”, escreve ele. “Um verde trespassado por arpões, do qual escorre a sua cor complementar. Estranhos são os caminhos da cor, e mais estranho pensar colorido.”

O artista empreendeu quatro grandes viagens à região, seguindo o curso do rio Amazonas desde Manaus até Terra Santa, já no Pará. Fantástico, Omar compara seu périplo amazônico, realizado no ano passado, a uma grande aventura, incursão a outra dimensão do real, façanha digna de um romance de Joseph Conrad (1857-1924), o escritor ucraniano autor do clássico *O Coração das Trevas* (1902).

No texto de abertura, Dante

nas Águas, ela relata, em cores fortes, o momento crítico da jornada, espécie de rito de passagem, quando a embarcação em que viajava naufragou, ele perdeu todo o equipamento fotográfico, incluindo boa parte dos filmes que já havia batido, e quase morreu afogado. “Não sei se agarrei o barco, ou se foi ele que me agarrou. Descemos o Amazonas a toda velocidade. Meu corpo deixava na água um rastro invisível de adrenalina que devia enlouquecer os pirarucus”, escreve. “Eu sou mineiro, não sei nadar.”

Entretanto, se o leitor quiser prescindir da palavra, o percurso por *O Esplendor dos Contrários* pode ser feito apenas através das fotografias, representações da paisagem selvagem que vão de encontro ao conceito estético do “sublime”, por seu sentimento de profunda admiração e temor pela grandiosidade e violência da natureza.

Para fazer outro paralelo com

a pintura, as imagens de *O Esplendor dos Contrários* são ricas em associações com as telas de Caspar David Friedrich (1774-1840, maior pintor romântico alemão e um dos gênios mais originais de toda a história da pintura de paisagens), principalmente pelo caminho poético que ambos percorrem em

busca da natureza espiritual da paisagem, e na luta para trazer à tona seus aspectos ocultos.

A seguinte definição de um método perceptivo para se aproximar da paisagem foi escrita por Friedrich no início do século 19, mas podia muito bem estar na boca de Arthur Omar mais de 200 anos depois, servindo de prelúdio para seu *O Esplendor dos Contrários*: “Feche seu olho carnal para ver a imagem primeiro com o olho do espírito; então traga à luz do dia aquilo que viu na escuridão, para que a imagem gerada possa agir sobre as demais de fora para dentro.”

Omar, contudo, tempera esta proposta romântica com certa veia mística, de par com seu estilo eloquente e espirituoso de falar sobre o próprio trabalho: “Para fotografar, eu preciso me transformar. Só posso produzir estas imagens se estiver em um estado, ético e estético, de consciência alterada. Como na Antropologia da Face Gloriosa: eu só vejo o êxtase do outro se estiver em êxtase também. No instante em que a fotografia é disparada, eu não vejo nada. O meu invisível em conexão com o invisível do outro. Choque de partícula contra partícula, que me faz atingir um estado transcendente.”

Sobre a aplicação de sua cartilha particular no universo amazô-



Reproduções

Em ‘O Esplendor dos Contrários’, imagens compõem um percurso às vezes assustador e sinistro, feito de árvores, galhos, terra, rios, barcos, homens e animais

Walter Craveiro/Divulgação



Omar assina também os textos da obra: estilo eloquente



Omar batizou suas fotos de “paisagens além do bem e do mal”

nico, ele conta que, na hora da foto, reagia “como se estivesse realmente trocando um olhar com o objeto”, fosse ele uma pessoa, uma árvore ou um animal. “É uma interação, de tal forma que o objeto da imagem me vê também. Não fiz a foto da árvore porque achei bonita, mas porque entramos em algum tipo de comunicação em que ela fez disparar em mim uma série de associações, às quais remetem à memória, à infância, até chegar à origem da cor. Eu estou vendo o verde, mas estou reativando também o primeiro verde que vi na vida.”

Omar batizou suas fotos de “paisagens além do bem e do mal”, pois diz buscar, a um só tempo, um olhar que se afasta tanto da impiedade do turismo (“Que é consumista e predador, que suga e devora os objetos, mesmo quando tenta apreciar.”), quanto do discurso piedoso da ecologia, a idéia de proteger e salvar a floresta, “que também não é capaz de transmitir uma experiência real, na ver-

dade nos afastando dela”.

Neste sentido, sua grandiosa empreitada passa também por renovar a maneira como recebemos toda a paisagem brasileira, a iconografia do futebol e as festas tradicionais como o carnaval e o boi-bumbá de Parintins. Aliás, ele está à frente de um documentário sobre a célebre Festa do Boi que ocorre na cidade amazonense, em fase de finalização e que será exibido pela TV Cultura (sem data prevista).

**Repetição absurda** – Segundo Omar, é preciso recuperar a experiência energética que está impregnada nesses eventos. “Fomos formatados pela repetição absurda, infinita de representações do carnaval, do Boi-bumbá e da Amazônia, sempre as mesmas. Então, não conseguimos convocar uma vivência diferente dessas imagens preconcebidas. Minha idéia é alcançar uma linguagem capaz de dar conta da energia pulsante desses lugares, alvo que a mídia não atinge.”



Na floresta, a busca da natureza espiritual da paisagem

O lançamento deste livro é a parte final do amplo projeto do CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil) visando a mapear os 30 anos da trajetória artística de Arthur Omar. No fim de 2001, a sede paulistana do CCBB promoveu a retrospectiva *O Esplendor dos Contrários*, de onde saíram muitas imagens para este livro homônimo. Além da mostra de fotografias amazônicas recentes, o evento incluiu toda a sua produção de filmes (dois longas, dez curtas e 28 vídeos, parte da mostra *A Lógica do Êxtase*, com curadoria de Ivana Bentes) e uma grande videoinstalação (*Fluxus*) que ocupou o hall central do edifício.

A carreira internacional de Arthur Omar é respeitável: ele já expôs em duas edições da Bienal de São Paulo (1998 e 2002), na Bienal do Mercosul (1999) e na Bienal de Havana (2000). Suas obras também foram vistas no MAM do Rio e São Paulo, no Centro Georges Pompidou, em Paris, e no Museu de Arte Moderna de Nova

York (MoMA), onde, em 1990, foi consagrado com uma retrospectiva de sua produção. No fim de 2001 promoveu, em São Paulo, sua primeira exposição em uma galeria comercial em mais de três décadas de carreira (*Frações da Luz*, na Galeria Nara Roesler).

Entre 1971 e 2000, produziu dezenas de filmes, como o longa-metragem *Triste Trópico* (1974), selecionado para mostra retrospectiva histórica do cinema brasileiro no Festival dos Três Continentes de Nantes, França, em 1982, e o vídeo *O Nervo de Prata* (1987), sobre o artista plástico Tunga, filme divulgado e premiado em festivais pelo mundo. Pela Cosac & Naify, já publicou os livros de fotografias *Antropologia da Face Gloriosa* e *O Zen e a Arte Gloriosa da Fotografia*.

O site oficial do artista ([www.arthuromar.com](http://www.arthuromar.com)) acaba de ser reativado e traz sua biografia artística, imagens de seus trabalhos e textos críticos sobre sua produção.